

“Pacote de ajuda está mais acanhado”, afirma Belluzzo

Samantha Maia
De São Paulo

O anúncio de que a ajuda financeira de US\$ 700 bilhões do Tesouro americano ao sistema financeiro virá parcelada e com metade do valor a ser liberada com uma nova movimentação do Congresso mostrou que o pacote veio menos ousado do que parecia inicialmente, segundo o professor titular do Instituto de Economia da Unicamp Luiz Gonzaga Belluzzo. “A impressão é de que o pacote se tornou mais acanhado, já que primeiro se cogitou o uso indiscriminado desses US\$ 700 bilhões”, diz.

A primeira parcela a ser concedida será de US\$ 250 bilhões, e assim que for autorizada, o presidente poderá requerer mais US\$ 100 bilhões.

Ainda é difícil saber que tipo de impacto o pacote trará para o Brasil, e se será suficiente para reanimar as linhas de crédito, segundo Belluzzo, já que é preciso saber primeiro como o pacote impactará o sistema de crédito americano. “Liquidez não significa crédito.”

De qualquer forma, o economista afirma que não é possível esperar melhoras no curto prazo. “A recuperação é lenta, mesmo que o pacote seja baixado na sua integralidade, leva um tempo para saber como o mercado irá interpretar.” Segundo ele, como o Brasil já está com proble-

mas para obtenção de créditos, haveria necessidade de substituir as linhas de financiamento externo por linhas em reais. Isso faria o país depender menos da resposta que o mercado externo terá ao pacote. “Seria adequado o governo brasileiro liberar mais recursos para abastecer os bancos com liquidez”, diz.

O professor alerta que ainda há dúvidas sobre a possibilidade de recuperação dos mutuários, um personagem importante dessa crise, já que o consumo das famílias representa 70% do PIB americano. Não está claro que as dívidas poderão ser reduzidas, apesar da determinação de que o governo americano deverá usar sua influência para incentivar a renegociação de hipotecas associadas aos títulos que forem adquiridos pelo Tesouro. “Se não aliviarem os devedores, como retomar o crédito? Alongar as dívidas seria algo difícil já que grande parte dos empréstimos estão parcelados em 30 anos, mas talvez fosse possível reduzir o valor”, diz ele.

Belluzzo foi assessor econômico do PMDB entre 1974 e 1992 e secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda durante o governo de José Sarney. De 1988 a 1990 foi secretário de Ciência e Tecnologia do estado de São Paulo, durante a gestão de Orestes Quércia e hoje é membro do Conselho de Administração da Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F).